

VII – SEMINÁRIO FESPSP – “Na Encruzilhada da Democracia: Instituições e Informação em Tempos de Mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT6 – Educação, Literatura e Sociedade

Terezinha Aparecida Savio¹

Ações Culturais do MST: um estudo da biblioteca comunitária do Montanhão (São Bernardo do Campo/SP) ²

RESUMO

O trabalho tem o objetivo geral de refletir sobre as ações de cultura do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a partir da análise da biblioteca comunitária localizada na ocupação do Montanhão, no município de São Bernardo do Campo, São Paulo. A biblioteca comunitária surgiu em 2017 e, além de contar com acervo de livros didáticos e de literatura, destina o seu espaço para jogos, exibição de filmes, debates, saraus, aulas de culinária e curso preparatório para o ENEM e o vestibular. Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com voluntários da biblioteca, lideranças da ocupação e usuários, assim como observação de campo no local. Entre os resultados produzidos, destaca-se que as ações culturais se integram às

¹Professora da EJA 2 em Santo André, mestra em Educação, e pós-graduanda no curso de especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade PROEJA, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo.
sousavio@uol.com.br

² Este artigo é produto de um Trabalho de Conclusão de Curso orientado pela Prof.^a Dr.^a Érica Peçanha do Nascimento.

bandeiras de luta do MST, que, embora tenha visibilidade por sua atuação em prol da reforma agrária, também atua para a democratização da cultura.

Palavras-chave: ações culturais, bibliotecas comunitárias, movimento social – MST.

ABSTRACT

This paper aims to reflect upon cultural actions of Landless Rural Worker's (MST) based on the analysis of the community library situated in Montanhão occupation, in São Bernardo do Campo neighborhood, São Paulo. The community library was created in 2017 and, besides its collection of textbooks and literature, it offers its space for games, films, debates, serenades, cooking classes and preparatory courses for ENEM and the entrance exam. In order to collect data, there were semi-structured interviews were conducted with the library volunteers, as well as the interviews were conducted with occupation leaders and users, as well as field observation in locus. Among the results obtained it is necessary to highlight that the cultural actions are part of MST's struggle, and although it has visibility for its action in favour of agrarian reform, it also contributes to the democratization of culture.

Keywords: cultural actions, community libraries, social movement – MST.

INTRODUÇÃO

Uma biblioteca comunitária forma-se pela iniciativa da sociedade civil e proporciona produtos e serviços sem custos para atender ao público em geral. Em virtude do escasso número de bibliotecas, as iniciativas aparecem nas regiões de periferia negligenciadas pelo atendimento do poder público. O objetivo é o acesso à cultura, e os responsáveis pelo espaço não são bibliotecários e nem dominam os conhecimentos para implementação, porém estão em constante articulação de forma crítica, inovadora e coletiva (COELHO e BORTOLIN, 2017, p. 163).

Para formar uma biblioteca no Montanhão em São Bernardo do Campo, uniram-se moradores e um grupo denominado MST, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, um movimento de massas que se organizou para lutar pelo acesso a terra, implantação da Reforma Agrária e outras

mudanças amplas no país. Para alcançar suas metas, o MST dispõe de uma estrutura para formação desde as bases até as instâncias nacionais, organizando a sua atuação a partir da militância em grupos (STÉDILE *apud* CALDART, 1997 p. 9).

Como um movimento social, o MST caracteriza-se pela ação coletiva ao se colocar contra as formas de exploração econômica e de exclusão social. Em termos conceituais, um movimento social pode ser entendido como expressão de lutas sociopolíticas, econômicas ou culturais. Apesar de se organizarem em torno de diferentes agendas, constituem-se de algum tipo de demanda para ajudar a configurar sua identidade e seu projeto de mundo. Ainda, possuem adversários e aliados; apoiam-se em práticas comunicativas diversas; e fixam suas bases em lideranças e assessorias (GOHN, 2000, p. 11-20).

A história do MST remete ao ano de 1984, no “Primeiro Encontro Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra” em Cascavel, Paraná. Ao longo dos anos, o MST ampliou suas ações para a desapropriação de latifúndios em posse de multinacionais, a distribuição igualitária de terras, a produção de alimentos nas terras de ocupação, as causas indígenas e quilombolas, a melhoria de condições de vida no meio na cidade, a redução do inchaço urbano, entre outras pautas (BEZERRA, 2018, p. 1-4).

No âmbito do MST, as ações culturais são constantemente utilizadas para a formação política e a criação de vínculos de seus membros, sendo comum a realização de saraus, feiras culturais e organização de bibliotecas comunitárias³. A biblioteca aqui analisada, por exemplo, é uma das ações do Núcleo Urbano Carlos Marighella. Foi criada em 2017 em parceria com o Projeto Meninos e Meninas de Rua e com a Associação de Moradores do Cafezal.

Diante desse contexto, o trabalho justifica-se pela importância de refletir sobre a formação de uma biblioteca, organizada e construída pela comunidade e um movimento social. A escolha desse trabalho compreende uma reflexão sobre

³ No meu texto tomo a decisão de nomear biblioteca comunitária, porque é uma iniciativa de moradores e parcerias, tendo o objetivo do acesso à informação e atividades culturais. O termo empregado pelos moradores e integrantes é biblioteca popular, e significa um espaço de informação para pessoas.

os aspectos da biblioteca comunitária numa área de ocupação na periferia. A comunidade dessa região não dispõe de acesso a serviços e bens culturais.

Apesar de São Bernardo do Campo possuir um sistema excelente de bibliotecas, são raras as ações de incentivo à leitura em outros espaços da cidade (PIERGILI, 2011, p. 73). O Montanhão já conta com nove mil habitantes, setenta anos de existência e tem apenas um time de futebol, a Associação de Moradores do Cafezal e a Biblioteca Comunitária Carlos Marighella.

METODOLOGIA

O objetivo geral do trabalho é refletir sobre as ações culturais de um movimento social contemporâneo com a formação de uma biblioteca comunitária no município de São Bernardo do Campo. Entre os objetivos específicos estão: 1) compreender as ações culturais realizadas pelos voluntários no espaço da biblioteca; 2) entender o papel da biblioteca no contexto da ocupação; 3) discutir como a biblioteca contribui para o acesso aos bens culturais para seus usuários.

Primeiramente, a pesquisa realizou-se com levantamento bibliográfico na *Scielo- Scientific Eletronic Library Online*, *Dedalus* – Banco de Bibliografias da Universidade de São Paulo e Banco de Teses e Dissertações da Capes, propondo-se a mapear trabalhos sobre práticas de leitura, bibliotecas comunitárias e ações culturais do MST. Além disso, o trabalho baseou-se na observação de campo e na realização de entrevistas.

A análise é qualitativa para compreender as iniciativas para se constituir um espaço para biblioteca popular e as propostas para incentivar a leitura, a realização de debates, trocas, estudos e experiências culturais significativas a todos numa região da periferia.

A observação de campo ocorreu com a presença da pesquisadora ao espaço desde novembro de 2017, sendo anterior à realização desse trabalho, pois atuava como colaboradora e voluntária para formação da biblioteca comunitária. O período de pesquisa aconteceu entre maio e julho de 2018, incluindo: a visita à biblioteca, conversas informais com frequentadores e voluntários do local.

Foram realizadas 8 entrevistas com voluntários, lideranças da ocupação e frequentadores, no intuito de apreender seus pontos de vista sobre ações culturais ali realizadas. Assim, o momento de observação de campo foi tomado como um momento de interação entre pesquisadora e pesquisados, com a finalidade de produzir conhecimento científico (MINAYO, 2014, p. 273-279). E as entrevistas foram realizadas no sentido de gerar diálogo E as entrevistas foram realizadas no sentido de gerar diálogo com aqueles considerados figuras-chave no processo de investigação (LIMA, 2016, p. 26 - 27).

RESULTADOS DA PESQUISA

HISTÓRICO DE OCUPAÇÃO DO MONTANHÃO

Na década de 1980, com a crise no país, muitos ficaram desempregados, tornando-se desalojados e excluídos numa situação precária. Algumas famílias ocuparam uma falida pedreira próxima à Via Anchieta. Na primeira metade dos anos 1980, vinte e duas famílias acampadas receberam orientação da Promoção Social do município para saírem e irem para o Cafezal no Bairro do Montanhão. Em 1989, um grupo pessoas organizou a Associação dos Moradores do Cafezal como Conselho Comunitário do Núcleo Montanhão em mutirão. Construíram um prédio com três pavimentos com doação de material e mão de obra de voluntários da comunidade, depois, a Prefeitura cedeu o necessário para rede de esgoto. Numa tentativa de promover formação política e social, outros grupos passam a participar ativamente da ocupação em 1990, como o MST, pastorais ligadas à Igreja Católica e universitários de faculdades particulares da região. Apesar de o bairro possuir ocupação desordenada, as pessoas enfrentavam os problemas dela derivados de forma coletiva (MÉDICI, 2012, p. 263-265).

No ano 2000, o MST retirou-se devido à necessidade de cumprir tarefas em outros lugares. Em 2017, retornou ao Montanhão, devido ao seu histórico de luta e mobilização, e também por perceber a falta de equipamentos públicos para população resolveu formar uma biblioteca comunitária.

NÚCLEO URBANO E A BIBLIOTECA CARLOS MARIGHELLA

Os idealizadores da biblioteca são militantes do MST, ligados ao Núcleo Carlos Marighella, criado na região do ABC que compreende os municípios de Santo André, São Bernardo e São Caetano do Sul. No entanto, a ideia de organizar núcleos urbanos no âmbito do MST, é mais antiga e remete ao ano 2000, quando o movimento resolveu ampliar sua atuação para o setor urbano. Os núcleos urbanos se estabelecem que não de domínio do MST, como acampamentos e assentamentos, mas estão ligados ao movimento social por expandirem seus princípios e diretrizes.

Esse núcleo tem como atividades: organizar feiras para vender produtos do MST na cidade, apoiar ocupações do MST e de movimentos parceiros, realizar debates e cursos para divulgar a luta pela reforma agrária e pelo socialismo. Outra característica importante é a atuação em apoio à luta de outros povos, sobretudo da Palestina, por meio de textos e atividades de formação.

A BIBLIOTECA

A Biblioteca Carlos Marighella surgiu como uma ação cultural e educativa do núcleo. Para organizá-la, no primeiro momento, três voluntários estabeleceram as principais metas: adequar o espaço; elaborar ofício para conseguir tinta para pintar as paredes numa fábrica do bairro; organizar dois grupos, um para a catalogação de obras e outro para a pintura. Embora, não seja uma biblioteca pública ou privada gerida por especialistas, e não se vincule a uma instância tradicional, as pessoas preparam um local para que além de permitirem a fruição da leitura, as ações culturais ali realizadas pudessem desempenhar sua função social e emancipatória, sob condições mais adequadas (ALVES, SALCEDO, CORREIA, 2017, p.42).

A biblioteca abre nos finais de semana, aos sábados e domingos. Funciona num espaço de 3,80m x 5m, e dispõe de estantes de metal com livros organizados em L do mesmo tamanho, duas mesas, cinco cadeiras cinco cadeiras, um arquivo e três computadores. Há um local para crianças com livros, gibis e jogos sobre um tapame colorido. Além da biblioteca, a associação de moradores tem um salão na

parte térrea para eventos. No andar superior, ao lado da biblioteca, há salas para aula, rádio e correio.

A mobilização é constante para aquisição do material, e o acervo já possui aproximadamente 3 mil livros (literatura nacional, internacional e periódicos), após as campanhas realizadas de arrecadação no bairro e em outros espaços. Ainda, conta com DVDs, jogos, gibis e periódicos diversos, e houve o cuidado para selecionar cada doação.

AS ATIVIDADES

Para viabilizar e motivar o acesso à cultura, os voluntários elaboram atividades, inclusive para acontecer após o horário de empréstimos de livros. Qualquer pessoa da comunidade ou de fora pode propor um evento, esclarecendo antes aos responsáveis do espaço a proposta. Na formação da associação de moradores em 1989, Rosa Maria de Souza abriu uma sala e foi professora do MOVA – Movimento de Alfabetização de Adultos e EJA – Educação de Jovens e Adultos.

Atualmente, crianças e jovens tomam o espaço para o lazer, leitura, estudo jogos e compartilhar opiniões. Nesse ambiente, percebe-se a função da integração social que desperta para a busca da cidadania. É uma ação transformadora, apropriando-se de uma cultura fora do ambiente familiar ou contexto escolar, e, ainda desenvolve o contato com a linguagem escrita e ativa o domínio da língua (CHARTIER, 1998, p, 77-79).

Outras atividades são destinadas ao público em geral: culinária africana, pedagogia do samba, bioconstrução⁴, Teatro do Oprimido de Augusto Boal, saraus, concursos literários com contos e poesias. Mais recentemente com apoio da Uneafro (União de Núcleos de Educação Popular para Negros da Classe Trabalhadora), criou-se no local um curso pré-vestibular e de preparação para o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio, denominado Cursinho Marielle Franco.

⁴ Método de construção com material alternativo.

Entre os entrevistados⁵, afirma-se que a iniciativa do cursinho é importante, pois, demonstra-se a oportunidade para o ingresso à universidade, além da possibilidade de realizar concursos públicos.

[...] Muitos sonham com a Universidade Federal do ABC que é a nossa universidade aqui da nossa região. Então, para eles é uma oportunidade interessante. Eles têm aí apoio, têm professores, eles têm atividades culturais, eles têm atividade de leitura que ajudam aos alunos nesse sentido [...] (Beatriz, voluntária da biblioteca, em entrevista à pesquisadora).

[...] Sou daqui da comunidade mesmo, moro aqui [...] bem, a profissão, ultimamente estou desempregada [...] Faço curso, porque estou prestando alguns concursos [...] geralmente leio de tudo um pouco. Só não leio livro de autoajuda, Deus me livre! [...] (Júlia, usuária da biblioteca, em entrevista à pesquisadora).

[...] estavam precisando de alguém para dar aula de filosofia, e me voluntariei, também [...] E aí, eu estou aliando o plantão com as aulas do cursinho. Uma vez por mês, a cada dois meses [...] (Sofia, voluntária da biblioteca, em entrevista à pesquisadora).

[...] os jovens interagem muito na biblioteca. Conseguimos 27 exemplares da obra de Lima Barreto, um autor fundamental, [...] a professora trabalhou esse livro com os alunos. [...] livros [...] clássicos da literatura, para entender o que é nossa sociedade [...] (Luís, líder e voluntário da biblioteca, em entrevista à pesquisadora).

[...] Para mim, aspirante à professora tem sido muito enriquecedor [...] E também, com alguém que veio da escola pública, e conseguiu entrar numa universidade pública [...] transpassando esse limite que a gente tem na desigualdade social [...] (LN), (voluntária em entrevista à pesquisadora).

O curso pré-vestibular e de preparação para o ENEM teve início em maio de 2017 e conta com 16 alunos. O curso ampliou o público da biblioteca e suas atividades, já que voluntários e professores preparam complementos aos estudos como sessão de filmes e debates. Uma das ações da biblioteca comunitária é promover a reflexão sobre a pluralidade dos atores sociais, como negros, índios,

⁵ Os nomes utilizados nesse trabalho são fictícios para preservar o anonimato dos entrevistados, conforme regra do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal São Paulo, local aonde a pesquisadora realiza a pós- graduação Lato Senso em Especialização em Projeja.

mulheres, pobres, dentre outras minorias discriminadas. E isso proporciona a formação continuada dos indivíduos e aprimoramento da comunidade local (COELHO e BORTOLIN, 2017, p.169). A biblioteca e o curso contribuem para o resgate da autoestima das pessoas do Montanhão, gerando a reflexão e, também o resgate da identidade.

SOBRE USUÁRIOS, LIDERANÇAS E VOLUNTÁRIOS

Nesse trabalho, para saber da dinâmica na biblioteca e a visão de algumas pessoas sobre o espaço, realizaram-se oito entrevistas. Desses entrevistados, quatro são mulheres e quatro são homens. Todos são adultos, moradores do ABC e a maioria autodeclarada negra, conforme sintetiza a tabela a seguir:

Quadro 1 - Perfil dos entrevistados

| Entrevistado | Idade | Gênero | Cor/Raça |
|----------------------|-------|--------|----------|
| Raul - liderança | 28 | M | Branca |
| Luís - liderança | 40 | M | Negra |
| Aline - voluntária | 58 | F | Branca |
| Lívia - voluntária | 31 | F | Negra |
| Daniel - liderança | 31 | M | Negra |
| Sofia voluntária | 25 | F | Negra |
| Beatriz - voluntária | 49 | F | Negra |
| Júlia - usuária | 40 | F | Negra |

Fonte: Elaboração da autora, 2018.

Em relação aos voluntários e lideranças, trata-se de trabalhadores ligados a diferentes atividades, simpatizantes ou pertencentes ao MST. Eles trabalham com autonomia e sem ajuda do segmento público ou privado. São sujeitos com formação universitária na sua maioria, moradores de outros bairros ou municípios próximos, e encontram naquela atuação uma forma de engajamento no movimento social, ou mesmo, para desenvolver atividades pontuais que contribuam para a formação cultural da população de baixa renda.

Sobre as lideranças, todos pertencem ao MST. Um deles está no movimento há quase vinte anos, um é integrante da Direção Regional MST da Grande São Paulo para representar o Núcleo Carlos Marighella, e outro milita desde 2011. Nenhum deles mora na ocupação, mas são responsáveis pela definição das atividades na biblioteca, escalas de plantão e manutenção do espaço.

Um dos entrevistados afirmou que o movimento enfrentou desconfiança na formação da biblioteca, pois os moradores já estavam desanimados com várias promessas de políticos que não se realizam.

As lideranças destacaram a importância de permitir o acesso à leitura em um bairro de periferia, onde não há outros espaços para experimentações culturais. Assim, ressaltaram que a ação cultural é parte de um projeto de transformação social no país.

[...] as pessoas têm participado. Claro que o acesso à cultura é estranho para maioria das comunidades carentes [...] esse espaço, a biblioteca, vai na contra-mão disso, porque é um espaço de comungar da difusão de cultura e de conhecimento. É uma gota no oceano, talvez, né, [...] só assim com esse tipo de trabalho que a gente vai reverter a situação. [...] (Daniel, líder e voluntário da biblioteca, em entrevista à pesquisadora).

[...] desciam todo aquele morro até a biblioteca para pegar livros, vídeos. [...] uma vez uma senhora ficou ali só olhando, achando que era só para filha. Depois, a gente incentivou, “você também pode pegar”. E aí, ela começou a pegar uns vídeos, alguns temas interessantes e de sentiu [...] com ar de alegria e falou, “não é só para criança, adulto, também [...] (Aline, voluntária da biblioteca, em entrevista à pesquisadora).

[...] uma militância maior da qual faço parte. Não sei, se a gente fosse traduzir, faz parte de uma estratégia maior, quanto mais a gente multiplicar esses espaços e essas experiências, mais poder damos à população mais pobre. E a gente espera que um dia consiga mudar essa situação, seja cada vez mais ativa na sua vida e na sociedade. [...] Não tenho uma função específica. Num primeiro momento, a gente fez a parte física mesmo, de fazer uma manutenção na sala. [...]. O fato de existir uma biblioteca, é importante. Mas, a gente quer ir além, manter um contato com a comunidade [...] (Raul, líder e voluntário da biblioteca, em entrevista à pesquisadora).

Tanto voluntários como lideranças desempenham funções diversas na biblioteca: fazem plantões de atendimentos, organizam o acervo, propõem atividades para o espaço e ajudam na manutenção. E afirmam que aprendem muito ao ouvir histórias de vida dos usuários e ao criar vínculos com a comunidade. Percebe-se ali a postura ativa para transformar a realidade vigente, combatendo a exclusão com direito à informação (MACHADO, 2009 p. 81 - 83).

DISCUSSÃO

Para compreender os objetivos propostos, refletiu-se sobre o movimento social e suas ações de incentivo à leitura numa área de ocupação e com pouco acesso a bens culturais. Dessa forma, para esta análise, foram retomados alguns estudos sobre movimento social, papel da leitura e políticas públicas para acesso à leitura.

Cabe destacar que uma biblioteca comunitária é um espaço criado com os princípios de autonomia, da flexibilidade e da articulação social. Diferencia-se das bibliotecas públicas e privadas, porque através das ações culturais, busca ampliar as possibilidades de inserção e atuação dos indivíduos na sociedade (MACHADO, 2009, p. 90). Conforme alguns estudos, a biblioteca é a instituição mais presente nos municípios brasileiros, e independente de ser limitada ou precária, contribui para democratizar a cultura (SANTOS, 2015, p. 173).

Porém, numa atuação coletiva, o MST aborda o campo sociopolítico e cultural. O grupo cria vínculos, mobiliza-se num espaço segregado, ou de privação social para buscar justiça social, igualdade, emancipação e empoderamento da comunidade. Procura construir a identidade, redistribuindo os bens sociais e culturais para compensar a injustiça. E ao realizar um trabalho do poder público, passa muitas vezes a ser discriminados, criminalizados pela mídia e órgãos públicos (GOHN, 2008, p. 439-441).

Percebe-se no país, uma classe excludente sem acesso aos bens fundamentais: moradia, educação, alimentação, transporte, saneamento básico, e principalmente à cultura. Isso é uma reflexão dos direitos humanos, pois a falta de acesso marca a divisão de classes sociais, aonde cabe aos privilegiados o acesso

aos bens fundamentais, e aos necessitados, não. Logo, é necessário na sociedade ter uma legislação para se garantir a manifestação da literatura em todos os níveis, desde a nacional até as produções de manifestação universal mais complexa. A literatura proporciona intelectualidade, instrução, educação e edificação do ser humano (CANDIDO, 2016, p. 1-6).

A falta de acesso à cultura e educação que parece oculta. A sociedade fragmenta-se na concentração de riquezas para poucos e na ampliação de miséria para muitos, uma situação, às vezes, considerada normal. Se uma pessoa assinar um contrato de locação ou de trabalho sem saber interpretá-lo, não importa se ela sofrer um prejuízo pessoal ou profissional. Pois parece que a exclusão, ao longo do tempo, já perdeu a capacidade de causar indignação em grande parte da sociedade (GENTILI; ALENCAR, 2001, p. 29-30). Logo, são necessárias ações culturais para erradicar a exclusão que gerou marcas do analfabetismo e iletramento. Embora haja oferta de escola, muitas pessoas concluem o ensino sem aquisição sólida de aprendizagem (THOMAZI *et al*, 2016, p.1069).

A prática social da leitura não se detém apenas à lógica dos conceitos e teorias, mas de uma linguagem cuja ação é dinâmica realizando parcerias de leitores, (FRANCHI, 1992, p.12). Logo, aprende-se a leitura além da escola, no acesso a determinado grupo de pessoas e aos bens culturais.

A leitura é a apropriação de significados, não tem sentido apenas na mensagem do autor, mas aquele que o leitor constroi durante o processo, (CHARTIER, 1998, p.79). Na pessoa, traz uma mudança, ou seja, a “expulsão” do opressor de dentro, e abre caminhos para autonomia e responsabilidade do sujeito histórico que se constroi. É um ato de comunicação e intercomunicação para o ser humano que não se deixa engolir pelo consumismo e alienação (FREIRE, 2001, p. 20-21).

No país, há propostas e experiências em políticas de leitura, e se analisam quatro eixos para as ações: acesso ao equipamento cultural como à biblioteca, formação de mediadores de leitura, conscientização do ato de ler e a distribuição de obras. Além disso, surgiram propostas para consolidar bibliotecas comunitárias, incluir a literatura no currículo básico e produzir políticas públicas. E isso, sem se esquecer que o livro é um objeto secular de maneira aperfeiçoada nos últimos cinco séculos. É um resultado de um produto cultural de uma cadeia criativa de

autores e escritores, depois passa pelos editores, suportes e chega às mãos do leitor. E a realização do objeto só se realiza com a leitura, e não apenas dos lucros da indústria do mercado editorial (CASTILHO, 2016, p. 19-20).

Houve até mudanças no ensino da leitura, porém não transformaram não melhoraram a formação do leitor, atendendo apenas ao mercado e à indústria do livro didático, (ZIBERMANN, 1984, p.15). Nesse abastecimento da cultura industrial livresca, gera a exclusão dos leitores. É preciso compreender e expandir a leitura em espaços para construir histórias de vivência das pessoas (GERALDI, 1999, 100-105).

Nas regiões da periferia, percebem-se a omissão e falta de ação do poder público, e a criação de uma biblioteca comunitária aparece para suprir a ineficiência do Estado pelos membros de uma comunidade em parceria com algum grupo. É um projeto político e social e sua formação depende do envolvimento dos seus membros. Num processo dinâmico e complexo, organiza-se de forma improvisada ou intuitiva, estabelecendo-se numa região periférica dos centros urbanos. Torna-se um instrumento transformador, valorizando a região e visa: difundir a informação, estimular a leitura; reduzir a desigualdade; contribuir para o resgate da dignidade de crianças, jovens e adultos (GUEDES, 2010, p.2-3).

Enfim, a biblioteca comunitária é um espaço para proporcionar uma educação não formal, isso sempre existiu. Compreende-se a educação não formal nos seguintes objetivos: qualificar para o trabalho; adotar práticas para a comunidade; aprender política com a participação de grupos sociais; educar para vida para o resgate da dignidade, entre outros (SALCEDO; ALVES, 2015, p. 565-567).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstra a formação recente de uma biblioteca comunitária, numa região empobrecida de São Bernardo do Campo que não conta com equipamentos de acesso aos bens culturais. Nesse espaço, grupos sociais uniram-se e desenvolveram uma série de ações que contribuem com acesso à cultura através de debate, oficinas e promoção do acesso à leitura.

Um leitor consciente participa da esfera pública e tem a capacidade de construir sua individualidade, o pensamento abstrato, a reflexão e a atuação crítica. A leitura traz a autorreflexão e o pensamento do outro que entrelaça os argumentos

em significados; na escola ou na biblioteca, tal prática faz transcender a própria instituição ao dinamizar as potencialidades do ser humano (SÁCRISTAN, *apud* IMBÉRNOM, 1999 p.46-47).

Aos poucos, a Biblioteca Carlos Marighella torna-se referência na comunidade ao despertar novas propostas, aprimorar a região, dignificar a história e possibilidade de inserção social de seus frequentadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, M.S; SALCEDO, D.A; CORREIA, A.E.G.C. Um mapeamento da produção científica sobre Bibliotecas Comunitárias em Ciência da Informação Brasileira. In: **CID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 2, p. 40-66, set. 2016/fev. 2017. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000021121/ffd8bd39d6c45533d29c5e7a4658ab14>>. Acesso em: 12/04/2018.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 9ª. Ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BEZERRA, Juliana. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, **Toda Matéria**, p. 2-4, fev/2018. Disponível em:< <https://www.todamateria.com.br/movimento-dos-trabalhadores-sem-terra-mst/>>. Acesso em: 11/06/2018.

CALDART, Roseli Salete. **Educação em Movimento: Formação de Educadoras e Educadores do MST**. Petrópolis: Vozes, 1997.

CASTILHO, José N. **Planos Estadual e Municipal do Livro e Leitura**. MEC: Brasília, 2016.

CANDIDO, Antônio. O Direito á Literatura. *In: Revista Prosa, Verso e Arte*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 4 de março de 2017, p.1-21. Disponível em:< <https://www.revistaprosaversoarte.com/o-direito-a-literatura-antonio-candido/>>. Acesso em: 11/02/2018.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1998.

COELHO, Clara D e BORTOLIN, S. A produção Científica sobre Bibliotecas Comunitárias da Ciência da Informação. In: **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. VII SECIN, UEL, 2017, p. 93-107.

Disponível em:

<http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2017/secin2107/paper/viewFile/442/266>Acesso em: 20/04/2018.

_____. O Processo de Apropriação nas Bibliotecas Públicas e Comunitárias in Perspectivas para Disseminação, Acesso e Reuso da Informação. In: **COAIC, UEL**, Londrina: Uel, 2017, p.161-172.

Disponível em: <

<http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/coaic2017/coaic2017/paper/viewFile/511/344>>. Acesso em: 06/04/2018.

FERREIRA, Carlos A.L. Pesquisa quantitativa e qualitativa: perspectivas para o campo da educação. In: **Revista Mosaico**, v. 8, nº 2, p. 173-182, jul./dez. 2015. Disponível em: <

<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/download/4424/2546>>.

Acesso em 15/08/2018.

FRANCHI, Carlos. Linguagem, atividade constitutiva. In **Cadernos dos Estudos Linguísticos**, nº 22. Campinas:UNICAMP, 1992, p.12.

FREIRE, Paulo. **À sombra dessa mangueira**. São Paulo:Olho d'Água, 2001.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2017.

GENTILI, Pablo; ALENCAR, Chico. **Educar na esperança em tempos de desencanto**, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e exercício: ensino, militância e divulgação**. São Paulo: Mercado das Letras, 1999.

GHON, Maria G. Abordagens Teóricas dos Movimentos Sociais na América Latina. **Caderno CRH**: Salvador, 2008, p. 439-455, 2008. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010349792008000300003&script=sci_abstr act&tlng=pt>. Acesso em: 10/03/2018.

_____, Sociologia dos Movimentos Sociais. São Paulo: Cortez, 2013.

GUEDES, Roger M. **Bibliotecas Comunitárias e Espaços Públicos de Informação**. UFMG, CP INFO, 2010, p. 1-8. Disponível em:< https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/cultura/docs/11a_Bibliotecas_comunitarias_-_Roger_Guedes.pdf>. Acesso em: 13/05/2018

IMBÉRNON, Francisco. **A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LIMA, Márcia. O uso da entrevista na pesquisa empírica. In: **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais, bloco qualitativo**. CEBRAP, São Paulo, p.1-60, 2016. Disponível em: < http://bibliotecavirtual.cebrap.org.br/arquivos/2016_E-BOOK%20Sesc-Cebrap_%20Metodos%20e%20tecnicas%20em%20CS%20-%20Bloco%20Qualitativo.pdf>. Acesso em: 29/04/2018.

MACHADO, Elisa C. Uma discussão acerca do conceito biblioteca comunitária, In: **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.7, v. nº1, p. 80-94, jul./dez. 2009. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1976>>. Acesso em: 2/5/2018.

MEDICI, Ademir Roberto. **São Bernardo do Campo, 200 anos depois: A história da cidade contada por seus protagonistas.** São Bernardo do Campo: PMSBC, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14^a ed. – São Paulo: Hucitec, 2014.

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. In: **Toda Matéria.** Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/movimento-dos-trabalhadores-sem-terra-mst/>. Acesso em 11/06/2018.

_____, Disponível em:
<<http://www.mtst.org/quem-somos/>>. Acesso em: 18/04/2018.

PIERGILI, D.W.O. **Políticas Públicas de Fomento à Leitura: Agenda Governamental, Políticas Nacional e Práticas Locais.** Escola de Administração de Empresas Fundação Getúlio Vargas: São Paulo, 2011.
Disponível em:<
<<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/8248/62090100021.pdf>>. Acesso em: 10/03/2018.

SALCEDO, Diego Andres; ALVES, Mariana. O papel da biblioteca comunitária na construção dos direitos humanos. In: **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 13, n. 3, p. 561-578, set. 2015. ISSN 1678-765X. Disponível em:
<<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8635770>>.
Acesso em: 12/08/2018.

SANTOS, J.M.. Ação Cultural nas Bibliotecas Públicas. In: **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 11, n. 2, p. 173-189, jun./dez. 2015. Disponível em:< Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação: São Paulo, v. 11, n. 2, p. 173-189, jun./dez. 2015>. Disponível em:< <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/425> Acesso em: 16/06/2018.

SIMMEL, George, A Metrópole e a Vida Mental. In Velho, G. (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

THOMAZI, A.R. Guimarães; GONÇALVES, R. G. ; MACHADO, G.C; BACELAR, G.M. Biblioteca comunitária: ação alternativa em face da política pública de leitura. In: **Ponto de Vista**: Goiânia, v.19, nº1, p. 1066-1088, 2016. Disponível em:
<<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/download/5466/3023> >
Acesso em: 26/3/2018.

ZILBERMAN, Regina. O livro didático e o ensino de literatura na escola. Leitura: teoria e prática. In: **Revista Semestral da Associação de Leitura no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, ano 3, nº 4, 1984.